



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 22 de janeiro de 2025

Bolsas		Pontuação B3		Dólar		Salário mínimo		Euro		CDI		CDB		Inflação	
Na terça-feira		Ibovespa nos últimos dias		Na terça-feira		Últimos		Comercial, venda na terça-feira		Ao ano		Prefixado 30 dias (ao ano)		ÍPCA do IBGE (em %)	
0,39%	São Paulo	123.462	123.338	R\$ 6,030	(- 0,19%)	15/janeiro	6,025	R\$ 1.518	R\$ 6,282	12,15%	12,86%	Agosto/2024	- 0,02	Setembro/2024	0,44
1,24%	Nova York	16/1	17/1			16/janeiro	6,053					Outubro/2024	0,53	Novembro/2024	0,39
			20/1			17/janeiro	6,065					Dezembro/2024	0,52		
			21/1			20/janeiro	6,041								

INFLAÇÃO

O desafio de baixar o preço dos alimentos

Presidente Lula pediu aos ministros para trabalharem a fim de reduzir a conta do supermercado dos brasileiros. No entanto, tarefa não é tão simples, segundo especialistas. Itens tiveram alta de 7,69% em 12 meses, de acordo com o IPCA

» FERNANDA STRICKLAND

O governo federal busca uma solução rápida para solucionar a alta dos preços dos alimentos nos mercados. Pressionados pela inflação, produtos essenciais na mesa do brasileiro, como arroz, feijão, leite e carne, registraram aumentos expressivos nos últimos meses. Na reunião ministerial realizada nesta semana, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que a prioridade é implementar medidas para conter a inflação.

“É inadmissível que o brasileiro esteja sofrendo tanto para colocar comida na mesa. Este governo foi eleito com o compromisso de devolver dignidade ao povo. Baixar o preço dos alimentos será prioridade absoluta”, afirmou o presidente Lula.

Segundo dados mais recentes do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), os alimentos tiveram uma alta de 7,69% em 12 meses, contribuindo com 1,63 ponto percentual do total da inflação em dezembro de 2024. Na avaliação de especialistas, este número reflete um problema estrutural na economia brasileira, agravado por fatores internos e externos.

Entre os itens que mais contribuíram para o aumento estão o arroz, o feijão, o leite e os cortes de carne bovina, especialmente a picanha — símbolo do discurso de Lula durante a campanha eleitoral, mas que se tornou inacessível para grande parte da população.

Vários fatores

O economista Vinicius do Carmo destaca que a alta nos preços dos alimentos é consequência de uma combinação de fatores. “O primeiro é a questão climática. Em 2024, tivemos efeitos agravados no clima, o que significou seca no Centro-Oeste e Sudeste e excesso de chuvas no Sul, comprometendo, assim, a oferta de alimentos, que pressionou o preço para cima”, afirma.

O segundo elemento, de acordo com o especialista, é a política cambial fiscal. “Com o real desvalorizado, exportamos mais alimentos e temos dificuldade de importar insumos. A excessiva exportação de alimentos reduz a oferta interna, e a redução da oferta interna pressiona a inflação”, completa.



Em 2024, tivemos efeitos agravados no clima, o que significou seca no Centro-Oeste e Sudeste e excesso de chuvas no Sul, comprometendo, assim, a oferta de alimentos, que pressionou o preço para cima”

Vinicius do Carmo, economista

Segundo o economista, para 2025, a expectativa é que a tendência inflacionária se mantenha. “Alimentos como carne, café, estão batendo recordes de exportação, o que diminui a oferta interna desses alimentos, pressionando os preços, e isso tem um efeito de escala na economia. Então, a subida da carne pressiona outros preços”, ressalta Vinicius do Carmo.

O cenário deste ano apresenta desafios. Especialistas estão cautelosamente otimistas quanto à possibilidade de desaceleração da inflação nos alimentos. A expectativa é de que uma safra agrícola mais robusta, esperada para o segundo semestre, alivie os preços de alguns produtos, como arroz, milho e feijão.

Além disso, o governo está em tratativas para reativar políticas públicas como o Programa de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) e fortalecer o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), iniciativas que podem ajudar a regular os preços e ampliar a oferta para o consumidor.

Esforços

A famosa picanha prometida por Lula durante a campanha é, atualmente, um luxo para poucos. O preço médio do corte ultrapassa os R\$ 80 por quilo, dependendo da região do país. Em muitos lares brasileiros, a carne vermelha foi substituída por alternativas mais acessíveis, como miúdos e carne suína.

“É importante resgatar o papel

Tânia Régio/Agência Brasil



Os itens que mais contribuíram para o aumento são o arroz, o feijão, o leite e os cortes de carne bovina

Alternativas

Com o preço da picanha e de outros itens básicos fora do alcance de muitos brasileiros, alternativas têm surgido para garantir o mínimo à mesa. Entre as dicas estão:



- SUBSTITUIR PROTEÍNAS**
Cortes mais baratos de carne, como músculo e frango, além de ovos e leguminosas, como lentilha e grão-de-bico, podem suprir a necessidade de proteína.
- COMPRAR EM FEIRAS LIVRES**
Produtos de hortifruti podem ser mais acessíveis nas feiras, especialmente no fim do expediente, quando os preços caem.
- PRODUTOS A GRANEL**
Arroz, feijão, farinha e outros itens comprados a granel costumam ser mais baratos.

- APLICATIVOS DE DESCONTO**
Plataformas como supermercados on-line ou apps de hortifruti podem oferecer promoções de última hora.
- AGRICULTURA FAMILIAR**
Buscar cooperativas ou associações de pequenos agricultores pode garantir preços mais baixos e alimentos mais frescos.

Fonte: Economista André Lira, especialista em inflação e mercado agrícola

Aneel tem expectativa de bandeira verde em 2025

O diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Sandoval Feitosa, afirmou, ontem, que há perspectiva favorável de que a conta de luz siga com bandeira verde ao longo do ano, ou seja, sem cobranças adicionais nas faturas. A medida, no entanto, vai depender das condições climáticas favoráveis e do nível de chuvas nos próximos meses.

“Se continuarmos com essa previsão de chuva e, principalmente, nos locais onde está

chovendo, a perspectiva é de que tenhamos bandeira verde ao longo do ano”, declarou Feitosa.

Apesar do otimismo, ele ressaltou que uma definição concreta só será possível no início do período seco, em maio, quando será analisado o estado dos reservatórios das hidrelétricas, principal fonte de geração de energia do país. “Somente no começo do período seco, com o monitoramento dos reservatórios das usinas hidrelétricas,

teremos uma visão mais clara”, explicou.

Segundo o diretor-geral da Aneel, caso ocorra algum momento de estresse no fornecimento de energia durante o período seco, as bandeiras tarifárias podem oscilar entre amarela e vermelha. Mesmo assim, ele reforçou que a expectativa para o ano é favorável, com predominância da bandeira verde na maior parte de 2025.

Segundo o engenheiro eletricista Roberto Pereira D’Araujo,

membro do Instituto Ilumina, a variância (medida estatística da variação) das afluições dos rios brasileiros é muito alta, como é comum em climas tropicais e, por isso, ele não é tão otimista. “Além disso, por falta de planejamento, as eólicas e solares, principalmente no nordeste, estão causando muitos problemas para o Operador Nacional do Sistema. Instabilidades podem gerar dificuldades depois do período úmido. O setor elétrico deixou de ser

dependente exclusivamente de vazões de rios”, afirmou.

Para o professor de engenharia elétrica da Universidade de Brasília (UnB) Ivan Camargo, a definição das bandeiras tarifárias no Brasil depende muito do estado dos reservatórios e da energia hidráulica armazenada. “A energia hidráulica quando está armazenada, quando usamos ela, a nossa energia elétrica fica barata, portanto, não precisa acionar nem bandeira amarela

nem bandeira vermelha”, disse.

Além das condições climáticas, Sandoval Feitosa pontuou que o comportamento tarifário em 2025 também dependerá de discussões sobre políticas públicas envolvendo os poderes Executivo e Legislativo. A manutenção da bandeira verde ao longo do ano será fundamental para aliviar o orçamento das famílias brasileiras, que enfrentaram um período de inflação alta e juros elevados nos últimos anos. (FS)